



9 . FUNCIONALIDADES DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

MARIA AMÉLIA SILVA SANTOS

PATRÍCIA TAVARES DOS SANTOS

DIEGO KENJI DE ALMEIDA MARIHAMA

Introdução

O presente capítulo tem como principal objetivo mostrar as funcionalidades das metodologias ativas dentro do ensino de Língua Portuguesa, no 4º ano do Ensino Fundamental I. Assim, é evidenciada a linha de pesquisa a que se pretende seguir neste ensejo, pois ao revelar funções das metodologias ativas no âmbito do ensino, significa possibilitar o desenvolvimento de um projeto que agrega valores substanciais no sentido de colaborar positivamente ao desenvolvimento, principalmente, dos alunos. Sendo essa linha a docência, focada no 4º ano do Ensino Fundamental da primeira fase, no ensino propriamente de Língua Portuguesa, é possível traçar funcionalidades que rompem com paradigmas antes postulados e, por muitas vezes, engessados pelos gestores de sala de aula que possuem e/ou possuíam práticas que não valorizam a aprendizagem do aluno propriamente.

Todo trabalho desenvolvido é pautado sob a justificativa de que é necessário levar à sala de aula todos os recursos possíveis para viabilizar a aprendizagem do aluno sobrescrita às práticas orais dos educadores, ou seja, justifica-se pela relevância, na contemporaneidade, de aplicação de métodos eficazes à construção de aprendizagem autônoma e voluntária dos alunos através de ações mediadas pelos professores a fim de que os educandos possam, de

fato, edificar conhecimento no lugar de absorver informações e, simplesmente, processá-las no dia de uma avaliação. Lançar mão de um projeto como esse implica problematizações de diversas ordens previstas e testadas por alguns aplicadores das metodologias ativas que, em seus estudos de campo, puderam revelar tais barreiras que dificultam o trabalho dos gestores de sala de aula, mas que também é necessário buscar meios de tentar resolver essas questões em prol de garantir o sucesso dos alunos quanto à aprendizagem na escola. A falta de recursos financeiros de uma instituição de ensino e de muitos discentes, o analfabetismo digital dos professores formados nos tempos de ensino puramente quantitativo e tradicional, a transição de aplicação de metodologias dentro de uma instituição cujos professores já estão “acostumados” a executar seu trabalho de uma maneira e não acreditar que outro método possa ser viável à aprendizagem e tantos outros problemas constituem o cenário da educação.

Sendo assim, os objetivos estão pautados em observar as funcionalidades das metodologias ativas dentro da sala de aula, compreender de que forma ou de quais formas essas metodologias podem ser aplicadas, constatar a viabilidade de aplicação dentro da escola e verificar possibilidades de outros gestores aderirem a essas novas práticas de ensino, além de verificar de que forma contribuem

aos alunos no sentido do aprender. Portanto, para que tais objetivos sejam alcançados, nas aulas de Língua Portuguesa, foram introduzidas as metodologias ativas no desenvolvimento textual do gênero diário e blog. O material base usado é o Bernoulli – Sistema de Ensino, vol. 2, Língua Portuguesa – 4º ano para fomentar a pesquisa no tocante ao gênero textual diário e blog que demonstra uma passagem de diferentes tecnologias, isto é, o diário usado com caderno e caneta passa a ser usado na internet com dados carregados na rede por meios digitais e através de suportes como smartphones, notebooks, tablets e outros. A transição da ferramenta de trabalho já demonstra uma mudança no *modus operandi* de produção textual que outrora usava-se papel e hoje, internet.

Assim, o procedimento usado em sala de aula compreende não só os materiais analógicos, como também os virtuais. Vê-se que a internet é relevante ao processo no sentido de que a produção de conhecimento demanda pesquisas imediatas e que se expandem para além da sala de aula. Dessa forma, as aulas foram planejadas com vistas às práticas das metodologias ativas de duas modalidades: sala de aula invertida e rotação por estações. A fim de executar tais práticas, foram necessários recursos como sala de aula equipada com notebooks para todos os alunos, internet, suporte de letramento digital e elaboração de formulários para avaliação contínua e

formativa.

Para sustentar teoricamente o desenvolvimento deste projeto, Bacich, Tanzi, Trevisani (2015); Moran (2015); Carvalho e Gil-Pérez (2011); Dewey (2002) foram selecionados por argumentarem tanto teoricamente como praticamente, já que toda teoria em educação deve passar para sala de aula no intuito de se afirmar positivamente dentro de seu contexto. Quando há de fato uma proposta de mudanças pedagógicas, é possível sistematizá-la, promovendo melhorias.

Revisão bibliográfica

Metodologias ativas

A garantia de aprendizagem na escola é prometida pela instituição verbalmente, muitas vezes, através das propagandas, das imagens geradas no cotidiano escolar, resultados em vestibulares e provas de larga escala etc. Mas quando a criança não aprende, o que a escola relata aos pais? Como resolver essa questão se o papel da escola está focado na aprendizagem do aluno?

Para responder a esse questionamento, ao longo do tempo, no passado, a responsabilidade era voltada ao estudante. Dizia-se que ele tinha problemas para aprender. Porém, hoje, não é mais possível afirmar esse tipo de discurso, uma vez que todos aprendem de uma

forma peculiar, através das cores, dos sons, da leitura, da música, do movimento e outras percepções. Sabendo disso, é preciso que os educadores tenham sensibilidade e consigam perceber como seus alunos aprendem. Já não pode mais existir uma única forma de aprender, logo não pode haver uma forma única de ensinar. Além de que a educação não é baseada em transferência, mas sim em processo que segundo Paulo Freire (2005)

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 2005, p. 79).

A forma de ensinar está ligada ao verdadeiro papel do educador e do aluno. Por isso, é preciso recategorizar as funções de cada um na escola, ou seja, cabe ao professor reconhecer seu aluno como ser em formação e não como ser absorvente de todo discurso de poder. Além de que o aluno carrega conhecimentos que agregam valor à prática docente. Assim, chega-se à conclusão de que ninguém educa ninguém, pois segundo Paulo Freire (2005), os homens se educam uns aos outros.

Dando continuidade a essa reflexão, é conseqüente pensar

quem é o protagonista no cenário escolar. Sendo lugar de aprendizagem, é simples chegar à conclusão de que o aluno é o verdadeiro protagonista nesse processo e que o professor ocupa o lugar do mediador. Essa mediação é um processo em que o educador intervém dentro de uma relação com seu aluno, de forma indireta.

[...] O processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo. (OLIVEIRA, 1993, p. 26).

Mediar é uma ação primordial para aplicação das MA, pois como o termo próprio coloca, ser ativa é uma característica da metodologia que revela atividade do aluno e não do professor. Portanto, significa dizer que ensinar não é transferir conhecimento, mas, sim, de forma criativa, propiciar ao aluno a construção dele, a fim de proporcionar oportunidade de criação, o professor necessita planejar suas aulas de forma, também, criativa. É necessário definir os objetivos da aula, reunir os instrumentos que vai utilizar, enfim, os recursos que realmente apoiarão a sua prática. A ação de se organizar compete inteiramente ao educador, que construa atividades que coloquem seus alunos frente a situações em que eles precisem resolver com autonomia para garantir uma aprendizagem

significativa e emancipadora.

Esse papel tão inovador da escola nem sempre foi assim, pois já pensava Piaget (1975) que,

embora tenhamos começado a conhecer os níveis de formação das operações lógico-matemáticas ou da causalidade no espírito dos alunos nas suas manifestações parcialmente espontâneas, não dispomos ou ainda não dispomos de conhecimentos comparáveis quanto aos mecanismos constitutivos que geram as estruturas linguísticas ou que dominam a compreensão dos fatos históricos. Portanto, do ponto de vista da pesquisa psicopedagógica, existe aqui uma série de problemas que continuam em aberto [...] (PIAGET, 1975, p. 77).

Vê-se que, no século passado, não havia vistas à possibilidade de inserir métodos tão inovadores como os das metodologias ativas, isto é, se a escola era lugar de comunicar o saber científico, não era cabível a instituição contribuir ao desenvolvimento de dados psicológicos úteis para o ensino de diferentes saberes específicos. A preocupação com as operações cognitivas estava voltada à absorção do saber científico e o aluno que não conseguia aprender por um método específico era marginalizado.

Para estabelecer mudanças, é preciso saber quem são os alunos, sua faixa etária, seu conhecimento de mundo, de memória, de socialização para que depois, em segundo lugar, se possa estabelecer

o que se vai ensinar e para quem vai ensinar. Por último, vem a preocupação em compreender como ensinar, ou seja, o método a ser aplicado para facilitar o ensino deve propiciar ao aluno descobertas, construção de conhecimento, poder de elaboração de novos modelos comparáveis, descobrir estratégias que fomentem sua aprendizagem.

Na contemporaneidade, o professor precisa ter em mente que existe uma necessidade inevitável de mudança no fazer pedagógico porque o aluno de hoje não é o mesmo aluno do século passado. O educando consegue reconhecer seu direito de aprender desde cedo, chega à escola com muitas informações, muitos conhecimentos prévios. Então, o que é preciso fazer com esse novo aluno?

A resposta a essa pergunta se dá no cotidiano escolar no qual o professor pensa o que vai ensinar. O objeto de estudo precisa ter funcionalidade, realidade para que aquilo realmente possa construir sentido. É o que se pode chamar de dimensão pedagógica, já que a dimensão epistemológica só sustenta o conhecimento disciplinar e o trabalho científico do professor na sala de aula numa perspectiva investigativa.

Então, é um desafio para o professor planejar uma aula com novas referências metodológicas, pois muitos dos professores se depararam com dificuldades digitais e entregarão autonomia nas mãos dos alunos. Isso causa um enorme desconforto em muitos

educadores que pensam que não é bom mudar o que está dando certo”. De fato, o novo causa estranhamento e a impressão de que uma nova metodologia é moda e que vai passar rapidamente. Por conta disso, a escola precisa estar toda engajada na mudança metodológica. Não adianta que um pequeno grupo de professores inove se outros não o fazem.

É essencial a compreensão de que a atividade docente é complexa e não pode ser realizada isoladamente; isso significa que a organização do plano de ensino, por exemplo, deve ser uma tarefa coletiva para deixar de ser vista como um obstáculo à eficácia e um fator de desânimo, tornando-se um convite a romper com a inércia de um ensino monótono (CARVALHO; GIL-PÉREZ, 2011, p. 54).

Em vista disso, o planejamento é essencial, pois é a partir dele que se deriva o que vai acontecer com a aprendizagem. Essa compreensão dos objetivos nas práticas pedagógicas deve ser reveladora para aquilo que se deseja observar em cada aluno diante da aprendizagem. Os projetos educativos são elaborados no sentido de promover práticas que tornem os alunos críticos e reflexivos, com capacidade de ler diferentes gêneros textuais, para que possam observar as diferenças e as semelhanças entre eles, criar opinião e desenvolver o pensamento científico. Então, o que se tem hoje são espaços de aprendizagem e não formas de aprendizagem, porque a

escola não é o único lugar do aprender científico, mas também o cinema, o parque, a praia, os centros históricos das cidades, os museus e outros.

No Brasil, a educação não formal aparece timidamente nos anos 1980 e mais intensamente na década de 1990. Ao longo do tempo, ganhou *status* de investigação. Hoje, há uma relevante bibliografia sobre o assunto, que se tornou uma linha de pesquisa em várias universidades e centros de pesquisa no país, não só na Educação/Pedagogia, mas também em áreas como Psicologia, Arte, Assistência Social, Terapia Ocupacional, entre outras.

Essa perspectiva de ensino envolve outras formas de intervenção para que a aprendizagem ocorra de maneira mais significativa, uma vez que a construção do conhecimento é o resultado da dinâmica mental decorrente da interação entre o sujeito e o objeto a conhecer, possibilitando a criação de representações entendidas dentro de uma lógica explicativa para o aluno. Assim, a construção do conhecimento é viabilizada pelo interesse em aprender.

Essa educação não formal que ocorre em diversos espaços superam os paradigmas tradicionais e pode ser entendida como uma metodologia de ensino, uma vez que facilita as tendências metodológicas formais, até mesmo as mais usuais na escola. Nos

espaços não formais, o que será considerado é a intencionalidade do trabalho pedagógico, de modo a auxiliar na ampliação dos conteúdos escolares.

É justamente nesses espaços onde os recursos digitais ganham espaço, tanto entre adultos como entre crianças e adolescentes. É muito comum chamar a geração do século XXI que cresceu juntamente às tecnologias digitais de “nativos digitais”, fazendo pensar que eles sabem usar mais do que quem não nasceu nessa época, mas a verdade é que a dimensão pedagógica dessa utilização está a cargo do professor e dos familiares envolvidos na formação educacional. Entender o uso de recursos digitais na escola deve ser algo mais criativo e inteligente do que usar tablet e lousa digital, proporcionando situações em que os alunos possam criar objetos e construir conceitos.

Pensando nesses espaços que criam identidade, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz as diversas práticas de linguagem com a perspectiva de valorizar a multimodalidade, sobressaltando a língua oral, a produção de textos orais, a prática da leitura, análise linguística e produção de textos escritos. Assim, a escola passa a ser mais um lugar de aprender, além da cidade, dos parques e demais lugares de educação não formal. A cidade onde o aluno mora pode ser mais um espaço de aprendizagem quando ele

pesquisa fotografias dessa mesma cidade há anos atrás. O aluno construirá uma visão histórica do lugar onde vive, construindo sua identidade, seu saber. Assim, Moreno (2012, p.121), propõe que a construção dos saberes demanda:

- construir olhares holísticos de maneira que a fragmentação do conhecimento seja afastada, alcançando assim a verdadeira compreensão da realidade em seu conjunto;
- ampliar o campo de ação das Ciências Sociais, fundamentalmente nos cenários de formação cidadã e política, de maneira que exista maior conectividade entre os estados, a produção do conhecimento em Ciências Sociais e as possibilidades e realidades específicas de um contexto determinado; (...)
- desenvolver um debate epistemológico ao redor de uma divisão entre as disciplinas para promover uma integração disciplinar sem desconhecer os saberes próprios de cada campo (...).

Diante de tantas mudanças no cenário educacional, o aluno é peça-chave nesse processo, responsável pelo processo de construção de conhecimento através de estratégias lançadas pelo professor. Essas estratégias usadas nas práticas educativas são apresentadas como metodologias ativas, que significa a posição do aluno ativo, autônomo e responsável pela construção de seu conhecimento.

Para a realização do projeto, o uso das tecnologias digitais foi preponderante no sentido de que essas tecnologias agregam o

desenvolvimento de um mundo virtual voltado às práticas educacionais, pois são recursos relevantes para modernizar o cenário da sala de aula. Por outro lado, não dá para integrar o uso de tais tecnologias sem preparar o professor para novas metodologias de ensino. Com vistas nesse problema,

os alunos estão prontos para a multimídia, os professores, em geral, não. Os professores sentem cada vez mais claro o descompasso no domínio das tecnologias e, em geral, tentam segurar o máximo que podem, fazendo pequenas concessões, sem mudar o essencial. Creio que muitos professores têm medo de revelar sua dificuldade diante do aluno. Por isso e pelo hábito mantêm uma estrutura repressiva, controladora e repetidora. (MORAN, 2013, p.23).

A formação do professor, voltada para as novas tecnologias, segue o cenário da contemporaneidade, na qual é possível perceber — de forma latente — a ajuda que as novas Tecnologias da Informação e Comunicação oferecem aos professores na criação, elaboração, pesquisa, desenvolvimento de aulas e outros.

O desenvolvimento e utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação têm propiciado mudanças socioculturais, históricas, econômicas e políticas na sociedade contemporânea. Tais mudanças alteram as relações interpessoais, os meios de comunicação, as práticas comerciais, a produção de bens simbólicos,

e também chegam ao ensino. Mesmo considerando que as TICs já fossem utilizadas na década de 60 do século XX como recursos pedagógicos, a exemplo do rádio e da televisão, é no início do século XXI, com a Internet e a conversão de mídias, que seu uso se difundiu amplamente nos diferentes estratos socioculturais.

A realidade mostrada por Moran (2013) ainda é empecilho para incorporação das novas TICs nas escolas, por outro lado, esse empecilho está pouco a pouco se desintegrando à medida que os mesmos professores que possuem distanciamento das novas TICs passam a receber formação por parte da instituição de ensino e até a buscar meios para usá-las com seus alunos. O autor ainda afirma que a entrada do computador no ensino permitiu a mudança do que se entende por ensino e aprendizagem. Assim, “o professor atua como um facilitador do aprendizado e o aluno deixa de lado o papel outrora passivo e assume ativamente as rédeas de seu processo de aprendizagem” (MORAN, 2013, p. 18).

É justamente nesse ponto, de assumir esse protagonismo, que se instaura o objetivo principal deste projeto, e, sua aplicação visa alcançar os objetivos específicos como empoderar o aluno em sala de aula como gestor do seu próprio processo de aprendizagem, dinamizar as aulas para que sejam prazerosas e posicionar o professor como facilitador desse processo.

Portanto, as aulas de Língua Portuguesa foram selecionadas para a realização desse modelo inovador de metodologias ativas, pois o trabalho com os gêneros textuais (desde a leitura até a produção de texto) subsidiado pelas novas TICs torna-se mais interessante aos alunos quando são expostos ao tema da aula com a proposta de construir conhecimento com autonomia e tendo seu professor como um facilitador desse aprendizado.

Essa autonomia no aprendizado através das Metodologias Ativas propicia aos alunos a construção de saberes que permitem o desenvolvimento de competências que favorecem a aprendizagem. A ação pedagógica dá uma direção às práticas educativas e tira o aluno da inércia, pois desencadeiam ações e reações positivas em relação à construção do conhecimento escolar. Tirar os alunos da inércia é fazê-lo compreender a real função da escola e sua própria função no mundo. Então, o tema central deste projeto foi baseado nas funcionalidades das Metodologias Ativas no sentido de tornar as aulas de Língua Portuguesa não só mais dinâmicas, mas também trazer o aluno ao seu papel de protagonista em meio do processo de aprendizagem.

As características das metodologias ativas são diferentes do modelo tradicional e foge às regras da passagem ou transferência de conhecimento, ou seja, as metodologias ativas funcionam como uma

engrenagem cíclica que não tem um início exato, uma vez que a heterogeneidade é considerada na personalização do ensino. Nesse modelo, o aluno ocupa o centro do processo de aprendizagem. Os elementos que circundam o aluno são a autonomia, o professor mediador/facilitador/ativador, problematização da realidade, a criticidade, a reflexão e o trabalho em equipe que fomenta o desenvolvimento das relações socioemocionais dos alunos. Através da interação entre os alunos nas práticas ativas, eles vão lidar com situações nas quais vão precisar resolver problemas de diversas ordens, inclusive, os emocionais.

Portanto, observando as características das metodologias ativas no ensino, é possível perceber exatamente de que forma o trabalho deve ser executado. Assim, duas modalidades de aplicação das metodologias ativas foram acionadas na execução deste projeto: a sala de aula invertida e a rotação por estações.

Sala de aula invertida

Sala de aula invertida ou *flipped classroom* é uma estratégia que quebra os paradigmas da aula presencial porque altera a lógica antes usada de que o professor é o responsável por levar o assunto ao aluno. Tem como principal funcionalidade fazer com que o aluno exponha os conhecimentos prévios que têm sobre o assunto.

Segundo Bergmann e Sams (2017) acreditam que um bom magistério:

(...) ocorre no contexto de relacionamentos saudáveis entre alunos e professores. Os alunos precisam ver os adultos como mentores e guias, em vez de como especialistas que pairam nas alturas. Os professores precisam ver os alunos não como crianças desamparadas, que precisam ser educadas com tudo mastigado, mas, sim, como pessoas singulares, que exigem educação personalizada. (p.104)

Os mesmos autores destacam que a sala de aula invertida é uma estratégia que capacita os alunos: “(...) a aprender mais conteúdo, com mais profundidade, em ambiente interativo, de relacionamentos fecundos, que os ajude a alcançar o sucesso”. (p.104)

Nessa perspectiva, a sala de aula invertida permite debates que enriquecem o aprendizado do aluno diante de diversos pontos de vista. Para que essa estratégia aconteça, é necessário que o aluno reserve um tempo para fazer um estudo antes de a aula acontecer.

A sala de aula invertida consiste em levar o aluno a buscar conhecimento na internet ou em outras fontes de forma autônoma para que ele possa se desenvolver e obter o máximo de informações previamente sobre o assunto. A partir daí o aluno terá a primeira aula sobre o tema já investigado, assim ele poderá contribuir com as informações que já pesquisou e compartilhar com os colegas

informações novas. Assim, é possível fazer uma aula ativa e o aluno não só aprende porque pesquisou antes, pois o professor desenvolverá em sala de aula uma atividade ativa em que o aluno precisa sistematizar seus conhecimentos.

O papel do professor nesse momento é preponderante porque ele vai avaliar se o aluno atingiu os objetivos estipulados pelo professor desde o seu planejamento. Depois de sistematizadas as informações em um plano, o professor lança mão das exposições orais que, segundo a BNCC, são fundamentais no processo de desenvolvimento da aprendizagem.

No plano de aula da sala de aula invertida é necessário conter objetivo, conteúdo, o que pode ser feito para personalizar o ensino, os recursos, os espaços, em casa, na sala de aula, o que pode ser feito para observar se os objetivos da aula foram cumpridos e os recursos de avaliação. Segundo Bacich (2015), “os alunos que não realizam as atividades prévias poderão ser prejudicados no desenvolvimento da aula”.

Para que o aluno assuma o papel condutor do ensino, tirando dúvidas, aprofundando o tema e estimulando o debate, é preciso que ele seja responsável.

É possível perceber que o maior desafio é a busca pela mudança de mentalidade em relação ao que esperar de uma aula

como essas, pois o desafio recai também sobre o professor que precisa aprender como conduzir uma aula como essas.

Rotação por estações

Nesse modelo, os estudantes devem realizar as atividades de acordo com um horário fixo ou de acordo com a orientação do professor.

Segundo Moran (2015), as tarefas podem ser executadas em grupo, de forma escrita, oral, *on-line*. As atividades planejadas pelo professor devem ser independentes, pois cada grupo começa por uma estação diferente. Portanto, não deve haver uma ordem cronológica entre as atividades das estações.

Esse modelo traz em si uma estruturação grupal, na qual todos os alunos passarão por diferentes estações. Cada estação carrega uma temática específica do conteúdo que já foi estipulada pelo professor previamente, além de que o trabalho nas estações é temporizado para que todos os grupos tenham a possibilidade de passar por todas as estações (MORAN, 2015).

Os estudantes são organizados em grupos que passaram por seis estações, porém, como o tempo de uma aula é curto, foram necessárias três aulas para que todos os grupos passassem por todas as estações. As estações eram revisões de classes gramaticais que

faziam os alunos pensarem e resolverem seus problemas em grupo. Essa dinâmica de trabalho traz um nível de aprendizagem maior porque o aluno aprende mais através dos erros e dos obstáculos que enfrenta. O professor tem um papel mediador, colaborativo, mas quem atua no processo de aprendizagem é o aluno. Ele sente que é capaz de construir seu próprio conhecimento.

As atividades realizadas nos grupos são independentes, mas integradas. Portanto, ao final, todos os alunos tiveram oportunidade de passar por todas as estações.

Segundo Bacich Tanzi, Trevisani (2015), os espaços também devem estar no planejamento com suas respectivas especificações.

Problematização da realidade

A realidade dos professores e escolas é um empecilho forte às práticas dessas Metodologias Ativas no sentido de que é preciso ter um Projeto Político Pedagógico (PPP) que contemple as metodologias ativas a fim de deixar claro aos gestores de sala de aula o verdadeiro modo de funcionamento da escola.

Não se pode deixar que a necessidade de mudança passe como uma prática enfadonha e difícil. É claro que tudo no início é difícil, mas com o passar das práticas é possível perceber que os alunos estão aprendendo mais e até melhor porque eles estão gerando

seu próprio conhecimento (MORAN, 2015).

Os problemas financeiros de uma instituição de ensino e de muitos discentes, o analfabetismo digital dos professores formados nos tempos de ensino puramente quantitativo e tradicional, a transição de aplicação de metodologias dentro de uma instituição cujos professores já estão “acostumados” a executar seu trabalho de uma maneira e não acreditar que outro método possa ser viável à aprendizagem e tantos outros problemas constituem o cenário da educação.

Processo de desenvolvimento do projeto de ensino

Tema e linha de pesquisa

O nosso projeto tem como tema “Funcionalidades das Metodologias Ativas para o ensino no 4º ano. Nossa linha de pesquisa procura revelar as funcionalidades das Metodologias Ativas para o ensino como forma de promoção de aprendizagem, na qual o aluno torna-se autônomo.

Justificativa

O presente projeto justifica-se pela importância que têm os novos métodos de ensino, pois esses compactuam com as mudanças na educação do nosso país e com a realidade que os alunos carregam consigo. É preciso levar em conta que aprender é a função mais

importante para o aluno, então é preciso fomentar meios próprios para galgar tal funcionalidade no ensino.

Problematização

A presente pesquisa levanta a questão financeira de muitos estudantes, de escolas, o engessamento das práticas de muitos professores que não aceitam mudanças, além de um analfabetismo digital, principalmente entre professores.

Objetivos

- Observar as práticas das metodologias ativas;
- Compreender de que forma as metodologias ativas acontecem em sala de aula;
- Constatar as funcionalidades e viabilidade de aplicação;
- Verificar a possibilidade de aplicação nas instituições de ensino.

Conteúdos

Gêneros textuais: Diário e blog.

Processo de desenvolvimento

Dentro do planejamento de Língua Portuguesa, correspondente a quatro aulas, foram estipulados os gêneros diário e blog com metodologias ativas para desenvolver a sala de aula

invertida e a rotação por estações, sendo que duas aulas ficaram destinadas à primeira modalidade e as outras duas à segunda modalidade citada.

Antecedendo a metodologias ativas de sala de aula invertida, foi necessário projetar o que os alunos pesquisariam antes de a aula acontecer propriamente, já que na primeira aula, eles teriam que trazer algo já pesquisado em casa sobre o assunto. Então, na primeira aula, os alunos, em grupos, fizeram uma compilação dos dados pesquisados em casa para que pudessem fornecer resultados através de um formulário para que a professora tivesse segurança de que houve processamento de dados e que o fator responsabilidade, imprescindível nas metodologias ativas, preponderava.

Na segunda aula, os alunos apresentaram seus trabalhos, explicando o assunto através de textos com a mediação da professora e prevalecendo o protagonismo do aluno, além de que foi realizada uma avaliação formativa para assegurar a qualidade do processamento de dados de cada aluno. Em vista de ser formativa, a avaliação serve, neste caso, como meio de aprendizagem e não, medição da mesma.

A rotação por estações se deu na mesma distribuição de tempo, mas com a criação de quatro grupos, ou seja, de quatro estações.

Proposta de atividade

A atividade realizada na sala de aula invertida foi a de diário, na qual eles teriam que fazer uma investigação na família sobre quem fazia diário, como fazia e com que frequência, depois em sala de aula, o gênero foi discutido e sistematizado e por último foi feito um formulário para assegurar a aprendizagem.

Já a atividade realizada na rotação por estações foi sobre o blog. Em cada estação havia uma atividade diferente: comparação entre diário e blog, o que é blog, como se faz blog e para que serve o blog hoje em dia. Todas as atividades foram sistematizadas no notebook em uma plataforma que compila os dados pesquisados pelos alunos.

Tempo para a realização do projeto

A realização do projeto foi realizada em etapas:

1ª Etapa:

(duração de 25 dias). - Escolha do tema.

- Pesquisa bibliográfica sobre o tema

- Escolha da fundamentação teórica

2ª Etapa:

(duração 20 dias) - Elaboração dos objetivos.

- Elaboração da introdução do projeto.

- Início do desenvolvimento do projeto de ensino.

3ª Etapa:

(duração 20 dias) - Término da Elaboração do desenvolvimento.

- Avaliação do projeto de ensino

Recursos humanos e materiais

Recursos humanos:

Professores de Língua Portuguesa do 4º ano do Colégio Amadeus.

Recursos materiais:

Os recursos materiais utilizados para este projeto foram os livros para pesquisa usados na fundamentação teórica, notebook, pesquisas na internet.

Avaliação

A avaliação é contínua, já que são práticas diárias de avaliação e considerada formativa, uma vez que o objetivo é a aprendizagem.

Executar um formulário é uma forma de perceber como o aluno está na disciplina, pois o professor tem acesso às produções para notar o nível de aprendizado de qualquer um.

Considerações finais

Diante das práticas das Metodologia Ativas, é possível constatar que essas metodologias são inovadoras no sentido de trazer ao aluno o protagonismo e as ações dos professores como mediadores do conhecimento, considerando: as funcionalidades centradas no aluno (aprendizagem autônoma), que inova por meio de diálogo e no processo de formar cidadãos críticos e reflexivos, com base neste estudo, que o uso das metodologias ativas, é uma possibilidade de recurso didático para uma formação crítica do docente, como também do estudante da educação básica, que se lançar como prática inovadora, trazendo a participação coletiva como requisito fundamental, para seu desenvolvimento. Muitas vezes a escola está submersa em sua insuficiência, como também na luta de sobrevivência cotidiana, com relação às tecnologias, neste contexto o estudante muitas vezes não está preparado para lidar com as tecnologias, por não ter acesso.

Neste sentido, há problemas na aplicação, tais como rede de internet não funcionar, rendimento baixo nas pesquisas prévias em casa, bem como o formato de educação tradicional a qual vivemos e muitos professores e alunos, não estão dispostos a inovar e transformar os processos de interação e autonomia dos alunos.

Referências

- BACICH, Lilian; TANZI, Adolfo Neto; TREVISANI, Fernando de Mello. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2013.
- BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. *Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*. Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda. 1º ed. Rio de Janeiro. 2017
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CONSELHO PLENO. *Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017*. 2017a. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso: 20/04/2018.
- BRASIL. *Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017*. 2017b. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm. Acesso: 11/04/2021.
- CARVALHO, Anna Maria Pessoa; GIL-PEREZ, Daniel. *Formação de professores de Ciências: tendências e inovações*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- DEWEY, John. *A escola e a sociedade*. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- MORAN, José M. *As mudanças na educação*. In: Mundo Virtual. Cadernos Adenauer IV, nº 6. Rio de Janeiro, Fundação Konrad Adenauer, abril, 2004, páginas 31-45. Disponível em:<<http://www.eca.usp.br/prof/moran/futuro.htm>>. Acesso

em 07 abril 2021.

MORAN, José M. *Aprender e ensinar com foco na educação híbrida*. 2015. Disponível: < <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2015/07/hibrida.pdf> > Acesso em 07 abril 2021.

_____. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2013.

MORENO, Nubia. Pensar o espaço crítica e socialmente. Uma possibilidade de educação geográfica na escola In: CASTELLAR, Sonia V.; CAVALCANTI, Lana de S.; CALLAI, Helena C. (Orgs.). *Didática da Geografia: aportes teóricos e metodológicos*. São Paulo: Xamã, 2012. p. 111-130.

OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.

PIAGET, Jean. *A Formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagens e representações*. RJ: Zahar Editores, 1975.